Globethics Repository



Os movimentos sociais e o lulismo [Social Movements and Lullism]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Wolfart, Graziela
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-19 00:16:59
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160314

Entrevista da Semana

A memória, uma categoria central do cristianismo

Problema do cristianismo não são as crenças, mas os sujeitos, afirma José Antonio Zamora, com base no pensamento de Johann Baptist Metz. A memória é fundamental para entendermos o que moveu as injustiças em outros tempos

Por Márcia Junges | Tradução Ana Casarotti

"Metz sempre tem dito que o problema do cristianismo não tem sido de crenças, senão de sujeitos, e neste sentido há uma proximidade entre a Teologia da Libertação e a teologia política, na medida em que os processos práticos de constituição dos sujeitos são processos históricos, sociais, processos de luta por chegar a ser sujeitos, por chegar a constituir-se como sujeitos em condições sociais e históricas dadas". A análise é do filósofo José Antonio Zamora na entrevista que concedeu, pessoalmente, à **IHU On-Line**. Em seu ponto de vista, "há uma relação muito estreita e de muito diálogo entre a Teologia da Libertação e a teologia política". Orientando do renomado teólogo Johann Baptist Metz, Zamora considera o pensamento de seu mestre como importante no panorama europeu. Metz mobiliza a memória, categórica fundamental da cultura judaico-cristã, como "categoria crítica da cultura moderna, dos processos de constituição da subjetividade dos sujeitos e da liberdade moderna". Ainda sobre a memória, Zamora pontua que não é possível se falar em justiça para o presente "se não somos capazes de descobrir os mecanismos que têm produzido vítimas no passado, porque, senão, nosso combate pela justiça atual está condenando a reproduzir a injustiça passada. E então temos algo que aprender da memória do sofrimento passado para o presente. Nesse sentido, a solidariedade atual carrega uma herança - a herança das esperanças e a herança dos fracassos, das mutilações, das destruições que têm sofrido os sujeitos no passado".

Zamora foi conferencista do **XI Simpósio Internacional IHU: o (des)governo biopolítico da vida humana**, em 14-09-2010, com o tema *Temporalidade capitalista, exploração da vida humana e tempo messiânico*. Docente no Instituto de Filosofia do Conselho Superior de Investigações Científicas – CSIC da Espanha, é autor de, entre outros, *Th. W. Adorno: pensar contra la barbarie* (Madrid: Trotta, 2004) e *Ciudadania, multiculturalidad e inmigración* (Navarra: Verbo Divino, 2003). Estudou Filosofia, Psicologia e Teologia na Universidade Pontifícia de Comillas, em Madri. Doutorou-se na Universidade de Münster, na Alemanha, com uma tese sobre Theodor Adorno, orientada por Johann Baptitst Metz. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Poderia traçar um panorama intelectual da Espanha hoje?
José Antonio Zamora - Não é fácil traçar um panorama intelectual de um país que é composto por uma realidade tão complexa, ampla e diversa. Na realidade, assim como acontece nos países desenvolvidos, os intelectuais espanhóis têm formado parte daquilo que se poderia descrever como indústria da cultura. Somos um elemento a mais dessa indústria. Aqueles intelectuais que produzem saberes que são diretamente utilizáveis nos processos produtivos, ou nas organizações, na administração, na urbanização social, têm uma função de produzir saber numa sociedade que se chama de "sociedade do conhecimento". Talvez o mais difícil é a posição dos intelectuais críticos e a relativa autonomia que a sociedade e a cultura burguesa concedeu a eles, pois é algo que vai se perdendo. Ao intelectual resta integrar-se à cultura de massas, como o fazem diversos intelectuais na Espanha, que participam da cultura midiática (filósofos, literatos, autores reconhecidos com grandes vendas ao público). Eles são, evidentemente, intelectuais que

têm uma postura crítica, mas têm que produzir um tipo de discurso que é assumível pelo mercado. Dizer que existe algo como um pensamento espanhol é uma afirmação difícil, sobretudo em função dos efeitos da guerra civil e o exílio subsequente. O panorama intelectual espanhol tem vivido muito da importação, de correntes europeias, francesas, italianas, e é difícil afirmar que exista um pensamento filosófico e de outro tipo que possa distinguir-se.

IHU On-Line - O senhor foi orientando do renomado teólogo Johann Baptist Metz[1]. Qual é a importância da obra deste teólogo para a Teologia da Libertação?

José Antonio Zamora - Eu acredito que a Teologia da Libertação e a Teologia Política, a nova Teologia Política de Metz, são duas teologias irmãs, que poderíamos chamar de teologias pós-idealistas, que colocam no centro da teologia a práxis e a constituição dos sujeitos crentes. Metz sempre tem dito que o problema do cristianismo não tem sido de crenças, senão de sujeitos, e neste sentido há uma proximidade entre a Teologia da Libertação e a Teologia Política, na medida em que os processos práticos de constituição dos sujeitos são processos históricos, sociais, processos de luta por chegar a ser sujeitos, por chegar a constituir-se como sujeitos em condições sociais e históricas dadas. Esse é um elemento constitutivo do discurso teológico. A diferença que podemos traçar ente a Teologia da Libertação e a Teologia Política é algo geral. Contudo, a diferença entre essas teologias e a doutrina social da Igreja é que, em grande medida, esta parte da existência de um *corpus* dogmático e se pergunta sobre

> **"Ao intelectual resta integrar-se à cultura de massas, como o fazem diversos intelectuais na Espanha, que participam da cultura midiática"**

sua realização na história por meio da dimensão política e ética. O que vem a dizer a Teologia da Libertação e a Teologia Política é que o político é constitutivo do próprio discurso dogmático e do próprio discurso teológico. Assim, o teológico é político.

A Teologia Política se entende mais como uma teologia corretiva, como uma teologia de crítica da religião burguesa, que é a religião da maioria na Europa. Estabelecida, a Teologia Política é uma teologia bastante sozinha, e evidentemente que é reclamada por sujeitos eclesiais ou sujeitos crentes, que leem o mundo da fé a partir dessa teologia. Há uma relação muito estreita e de muito diálogo entre a Teologia da Libertação e a Teologia Política.

IHU On-Line - Como Metz influencia a Igreja de nossos dias? E que contribuições traz para uma ligação mais estreita entre a Teologia, a memória e a solidariedade?

José Antonio Zamora - Poderíamos dizer que a teologia de Metz tem sido muito importante. Ela tem tido certo peso no panorama teológico europeu, mas eu não supervalorizaria sua influência eclesial. Há uma diferença com respeito à Teologia da Libertação, então digamos que essa influência, talvez em torno ao Concílio Vaticano II, se dá na medida em que teve um renascer da Igreja e uma valorização de certas posições teológicas. Pensemos em tantos teólogos que nesse momento têm tido relevância, como Hans Küng[2] ou o próprio Metz, a revista *Concilium*, e evidentemente a contribuição que teve Metz para a renovação do panorama teológico. Dessa maneira, também a renovação da Igreja tem sido muito importante. Mas se podemos dizer que movimentos eclesiais reclamam para si mesmos a Teologia Política, pois isso é mais difícil de nomear naturalmente, tem havido os movimentos especializados da ação católica, que em grande medida na Europa têm importado a Teologia da Libertação de maneira errônea, como se fosse uma espécie de transfusão de sangue jovem. Entretanto, os grupos e as comunidades cristãs de base e os grupos especializados da ação católica têm olhado para a própria América Latina e nesse sentido são muito poucos os que têm sabido ver o que aportava a Teologia Política não no panorama teológico, mas na realidade eclesial. Eu digo que tem havido muito aporte da teologia de Metz na Europa e em muitos outros cantos.

Teoria Crítica e Teologia Política

Por outro lado, sobre o vínculo entre teologia, memória e solidariedade, digamos que a Teologia Política é uma teologia que coloca a lembrança e a memória como uma categoria central do cristianismo. Essa categoria recebe sua importância naturalmente tomando em consideração a perspectiva

1 **Johann Baptist Metz** (1928): teólogo católico alemão, professor de Teologia Fundamental, professor emérito na Universidade de Münster, Alemanha. Aluno de Karl Rahner, desfiliou-se da teologia transcedental de Rahner, em troca de uma teologia fundamentada na prática. Metz está no centro de uma escola da teologia política que influenciou fortemente a Teologia da Libertação. É um dos teólogos alemães mais influentes no pós Concílio Vaticano II. Seus pensamentos giram ao redor de atenção fundamental ao sofrimento de outros. As chaves de sua teologia é memória, solidariedade, e narrativa. Dele publicamos uma entrevista na 13ª edição, de 15-04-2002, disponível em http://migre.me/2zn3s. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Hans Küng** (1928): teólogo suíço, padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infabilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Mundial, em Tübingen. Um escritório da Fundação de Ética Mundial funciona dentro do Instituto Humanitas Unisinos desde o segundo semestre do ano passado. Küng dedica-se, atualmente, ao estudo das grandes 'religiões, sendo autor de obras, como A Igreja Católica, publicada pela editora Objetiva e Religiões do Mundo: em Busca dos Pontos Comuns, pela editora Verus. De 21 a 26 de outubro de 2007 aconteceu o Ciclo de Conferências com Hans Küng - Ciência e fé – por uma ética mundial, com a presença de Hans Küng, realizado no campus da Unisinos e da UFPR, bem como no Goethe-Institut Porto Alegre, na Universidade Católica de Brasília, na Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFMG. Um dos objetivos do evento foi difundir no Brasil a proposta e atuais resultados do "Projeto de ética mundial". Confira no site do IHU, em **http://migre.me/R0s7**, a edição 240 da revista **IHU On-Line**, de 22-10-2007, intitulada *Projeto de Ética Mundial. Um debate*. Visite, também, a Fundação de Ética Mundial, no site do IHU: **http://migre.me/R0sQ**. (Nota da **IHU On-Line**)

que o cristianismo é uma comunidade que se manteve no tempo e que vive dessa referência rememorativa. O que Metz faz é mobilizar essa categoria tão importante da cultura judaico-cristã como uma categoria crítica da cultura moderna, dos processos de constituição da subjetividade dos sujeitos e da liberdade moderna. Seu ponto de encontro é com pensadores como Theodoro Adorno[3], Walter Benjamin[4] e Max Horkheimer[5]. Como a Teoria Crítica[6], que tem revelado que o projeto de emancipação moderno é um projeto que não se tem ilustrado sobre si mesmo e no qual o sujeito não é consciente de suas próprias contradições na afirmação da sua liberdade, de sua autonomia, digamos que a racionalidade moderna, na medida em que tem destruído sua capacidade de memória, tem fechado os olhos frente a seus próprios déficits. É necessário recompor a relação com o passado e, sobretudo, com o passado das vítimas, dos sujeitos que têm sido aniquilados, destruídos. É preciso reconstruir a relação com o passado das injustiças que têm sofrido nossos antecessores, reconhecer a dívida que o presente tem sobre o passado e tem aniquilado para se redimir da cegueira à própria pretensão de autonomia absoluta e liberdade do sujeito moderno.

> **"Benjamim é relevante para a teologia na medida em que ajuda a desentranhar o momento histórico que vivemos"**

Discurso da Teologia Política

Tudo isso é muito típico da Teologia Política, e não sei se a teologia pública se entende assim. A Teologia Política nunca fala só para os sujeitos crentes. O discurso da Teologia Política acredita que o discurso sobre Deus é um discurso relevante para o mundo, então seu interlocutor não são só os sujeitos eclesiais, senão nos sujeitos em geral, é o mundo. Então, quando se pensa em determinadas categorias como solidariedade e memória, o discurso da Teologia Política é destinado a ter uma incidência crítica no meio da sociedade, no meio da história, no meio do mundo, como comumente fala Metz. Quando Metz fala com pessoas fora da igreja, do mundo, fala de Deus de um modo que questione suas categorias seculares. Quando fala para pessoas da igreja, o faz com uma linguagem secular para questionar-lhes um discurso autossuficiente, teológico.

Evidentemente, nós não podemos reclamar uma justiça para o presente se não somos capazes de descobrir os mecanismos que têm produzido vítimas no passado, porque, caso contrário, nosso combate pela justiça atual estará condenando a reproduzir a injustiça passada. E então temos algo que aprender da memória do sofrimento passado para o presente. Nesse sentido, a solidariedade atual carrega uma herança - a herança das esperanças e a herança dos fracassos, das mutilações, das destruições que têm sofrido os sujeitos no passado.

IHU On-Line - Como aluno de Metz, quais são as maiores recordações que tem dele, dentro e fora do ambiente acadêmico?

José Antonio Zamora - Para compreender Metz é necessário situar-se na Alemanha e atentar para as diferenças das suas regiões. Até sua aposentadoria, Metz viveu em Münster, na Westfalia. Os habitantes dessa região são camponeses muito fechados, pouco comunicativos. Metz é natural da Baviera, onde os "bárbaros" têm uma relação natural com a religião e uma relação religiosa com a cerveja. Metz, em particular, tem uma personalidade muito expansiva e aconchegante. Com os estudantes vindos da Espanha ou da América Latina ele era especialmente muito cordial.

Metz sempre teve um círculo de discípulos muito amplo. Assim, se formava um colóquio de doutorandos numeroso, de pessoas de todo o mundo. Para um estudante que faz doutorado com Metz, essa é uma fonte de enriquecimento constante, porque, além de seu aporte intelectual, há todo o grupo de estudantes das mais variadas partes do mundo. Entre os colóquios dos doutorandos nunca se falava das teses, muito raramente. O assunto era, quase sempre, o debate teológico atual. Esses colóquios programados em forma de seminário era algo muito enriquecedor porque, quando se faz uma tese, tendemos a nos comportar como um cavalo de viseiras, como se só houvesse o nosso próprio trabalho. Com esse círculo, nossos horizontes se abriam, porque continuamente estávamos falando de filósofos, de problemas de ciências sociais, de novas teologias.

IHU On-Line - Qual é o seu contato atual com a Universidade Centro-Americana (UCA)? Tem viajado para El Salvador com frequência?

José Antonio Zamora - A relação com a Universidade de Centro-Americana de El Salvador – UCA - provém de que o Instituto de Filosofia do Conselho Superior de Investigações Científicas – CSIC da Espanha tem mantido sempre uma boa convivência com a faculdade de filosofia da UCA. Muitos

3 **Theodor Wiesengrund Adorno** (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de ideias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Walter Benjamin** (1892-1940): filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Max Horkheimer** (1895-1973): filósofo e sociólogo alemão, conhecido especialmente como fundador e principal pensador da Escola de Frankfurt e da teoria crítica. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Teoria Crítica da Sociedade:** abordagem teórica que, contrapondo-se à Teoria Tradicional, de tipo cartesiano, busca unir teoria e prática, ou seja, incorporar ao pensamento tradicional dos filósofos uma tensão com o presente. A Teoria Crítica da Sociedade tem um início definido a partir de um ensaio-manifesto, publicado por Max Horkheimer em 1937, intitulado "Teoria Tradicional e Teoria Crítica". Foi utilizada, criticada e superada por diversos pensadores e cientistas sociais, em face de sua própria construção como teoria, que é autocrítica por definição. A Teoria Crítica é comumente associada à Escola de Frankfurt. (Nota da **IHU On-Line**)

> "Arrisco-me a afirmar que o futuro da teologia depende de que ela não se retraia e não evite o diálogo com o mundo"

professores do CSIC lecionam como visitantes da UCA, como José María Mardones[7], Reyes Matte[8] e José María Gonzalez[9].

Certa vez o decano da faculdade de filosofia da UCA, Hector Samur, pediu-me para dar um curso de doutorado naquela instituição. Sou integrante da equipe de professores do doutorado da faculdade de Filosofia. Por outro lado, coordeno um fórum em Murcia, uma cidade do sul da Espanha, cujo nome é Fórum Ignacio de Ellacuría. Então, nossa relação é muito próxima.

IHU On-Line - Conheceu Ignacio Ellacuría[10] e Jon Sobrino[11]? Qual é a importância desses dois teólogos na contemporaneidade?

José Antonio Zamora - Não cheguei a conhecer a Ignacio de Ellacuría. Mas conheci Jon Sobrino na UCA. Visitei-o e falei com ele. Quando pensamos em formar em Mursia um fórum de debates, de discussão, de difusão de pensamento crítico, convertemos intelectuais como Sobrino em nossos referenciais. Isso porque entendíamos que primeiro compartilhamos a opinião de que a realidade só é revelável na sua verdade, quando se olha a partir da perspectiva dos últimos, das vítimas. E o pensamento só pode ser verdadeiro quando se compromete com essa perspectiva e com a libertação das vítimas. Então, nesse sentido foi como os escolhemos estes intelectuais como nossos referenciais.

IHU On-Line - Em que aspectos o pensamento de Benjamin nos ajuda a compreender melhor os rumos da Teologia hoje?

José Antonio Zamora - Penso que é preciso ter cuidado para que não ocorra uma teologização de pensadores que não são teólogos. Esse é um pequeno vício dos cristãos, ou do cristianismo. Sempre pretendemos batizar a todos. Benjamim é relevante para a teologia na medida em que ajuda a desentranhar o momento histórico que vivemos. Para uma teologia pós-idealista, pós-metafísica, que não elabora seu discurso sobre Deus desde fora da história, fora da sociedade e dos processos que se vivem na história e na sociedade, aqueles pensadores que nos ajudam a compreender essa história e essa sociedade são fundamentais. Nesse sentido, Benjamim teve intuições que têm a ver com as transformações do capitalismo a partir do final do século XIX, a percepção dos processos que conduziriam às grandes catástrofes do século XX, o final do socialismo, além de sua compreensão da estética, da produção cultural no capitalismo do século XX. Walter Benjamim não é só um pensador, mas, em certa medida, é uma testemunha que pagou com a sua própria

7 **José María Mardones** (1943-2006): filósofo e sociólogo espanhol. Formado na Alemanha, professor de sociologia na Universidade do País Basco e pesquisador do CSIC no Instituto de Filosofia desde o seu início, foi um fecundo autor no campo da filosofia e da sociologia da religião. Escreveu diversos livros, dentre os quais *citamos Dialéctica y sociedad irracional. La teoría de la sociedad de M. Horkheimer*, *Habermas y religión*, *Capitalismo y religión* e *Postmodernidad y cristianismo*. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Reyes Mate: filósofo espanhol,** professor do Instituto de Filosofia do CSIC (Conselho Superior de Pesquisas Científicas) e autor do livro *Justicia de las víctimas. Terrorismo, memoria, reconciliación*. (Barcelona: Anthropos, Editorial del Hombre, 2008), entre outros. Em português, citamos *Memórias depois de Auschwitz* (São Leopoldo: Nova Harmonia, 2005). Confira a entrevista concedida à **Revista IHU On-Line** 291, de 04-05-2009, intitulada *A memória como antídoto à repetição da barbárie*, disponível em http://migre.me/2zrbJ. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **José María González García** (1950): filósofo espanhol. É professor de Investigação no Conselho Superior de Investigações Científicas, de cujo Instituto de Filosofia foi diretor entre 1998 e 2006. Trabalha nos campos da sociologia do conhecimento, teoria sociológica e a filosofia política, prestando especial interesse à obra de Max Weber, e na atualidade trabalha na Universidade de Cambridge. Escreveu, dentre outros, *A Máquina burocrática. Afinidades electivas entre Max Weber e Kafka* (Madri, Visor, 1989). (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Ignacio Ellacuría:** filósofo, especialista em Zubiri, jesuíta, foi assassinado no dia 15 de novembro de 1988, juntamente com mais quatro companheiros jesuítas e duas senhoras, em San Salvador, El Salvador. Ele era reitor da Universidade Centro Americana, em San Salvador, confiada à Companhia de Jesus. Ele e seus companheiros foram barbaramente assassinados por terem conseguido fazer da Universidade uma importante força social na luta pela promoção da justiça social. Sobre Ellacuría, confira a entrevista especial concedida por Héctor Samour, em 16-11-2007, ao site do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, **www.unisinos.br/ihu**, intitulada *Inteligência, compaixão e serviço. Celebrando o martírio de Ignacio Ellacuría e companheiros,* disponível em **http://migre.me/11DN8**. Na mesma data, nosso site publicou a notícia *Ignacio Ellacuría e companheiros assassinados no dia 16-11-1989*, disponível em **http://migre.me/11DO7**. No site do IHU visite a Sala Ignácio Ellacuría e Companheiros, onde podem ser lidas notícias, a história dos mártires jesuítas e o memorial criado pelo IHU em sua homenagem: **http://migre.me/11DOt**. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Jon Sobrino:** teólogo espanhol, jesuíta, que em 27-12-1938 entrou para a Companhia de Jesus e em 1956 e foi ordenado sacerdote em 1969. Desde 1957, pertence à Província da América Central, residindo habitualmente na cidade de San Salvador, em El Salvador, país da América Central, que ele adotou como sua pátria. Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de St. Louis (Estados Unidos), em 1963, Jon Sobrino obteve o master em Engenharia na mesma Universidade. Sua formação teológica ocorreu no contexto do espírito do Concílio Vaticano II, a realização e aplicação do Vaticano II e da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín, em 1968. Doutorou-se em Teologia em 1975, na Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt (Alemanha). É doutor honoris causa pela Universidade de Lovain, na Bélgica (1989), e pela Universidade de Santa Clara, na Califórnia (1989). Atualmente, divide seu tempo entre as atividades de professor de Teologia da Universidade Centroamericana, de responsável pelo Centro de Pastoral Dom Oscar Romero, de diretor da Revista Latinoamericana de Teologia e do Informativo "Cartas a las Iglesias", além de ser membro do comitê editorial da Revista Internacional de Teólogia Concilium. A respeito de Sobrino, confira a ampla repercussão dada pelo site do IHU em suas **Notícias do Dia**, bem como o artigo A hermenêutica da ressurreição em Jon Sobrino, publicada na editoria Teologia Pública, escrita pela teóloga uruguaia Ana Formoso na edição 213 da **IHU On-Line**, de 28-03-2007, disponível para download em http://migre.me/UHJB. A **IHU On-Line** também produziu uma edição especial, intitulada *Teologia da Libertação*, no dia 02-04-2007. A edição 214 está disponível em http://migre.me/UHKa. Sobre a censura do Vaticano a Sobrino, confira: Teólogos espanhóis criticam a condenação de Jon Sobrino, disponível em http://migre.me/UHKF, 'Jon Sobrino, com o tempo, será reabilitado', afirma Ernesto Cavassa, disponível em http://migre.me/UHL3, Notificação a Jon Sobrino. Teólogos apelam por reforma da Congregação para a Doutrina da Fé, disponível em http://migre.me/UHLk, O caso Jon Sobrino como sintoma. Um artigo de Andrés Torres Queiruga, disponível em http://migre.me/UHLN. (Nota da **IHU On-Line**)

vida. Ele é uma testemunha do perigo, e compreendeu que essa proximidade com o perigo tem um valor capital para desentranhá-lo. Benjamin é um pensador que segue atual.

IHU On-Line - Considerando o panorama cada vez mais secularizado do Ocidente, quais são os rumos da Teologia no século XXI?

José Antonio Zamora - Não estou muito seguro sobre essa secularização. Está havendo, desde sempre, uma transmutação do sagrado e uma transmutação do religioso. O religioso está em permanente transformação. Provavelmente, hoje temos um panorama muito diversificado, desde os fundamentalismos até uma religiosidade mais ou menos adaptada às leis do mercado. Percebo, inclusive, uma religiosidade de bricolagem e a emergência de uma configuração religiosa de determinados fenômenos chamados seculares. Então, o perigo que pode correr a teologia é de se retrair num debate inacessível. A teologia quer fazer um discurso racional sobre Deus, não só para os crentes, mas para todos. Acredito que se a teologia pode ter futuro e sentido é no descobrimento de sua missão de ser uma reflexão voltada para o mundo, para as realidades do mundo. Aqui há muita potencialidade para que a teologia tenha uma função a partir de seus próprios recursos, com capacidade de crítica, dos processos culturais de ressacralização da economia, da política, além de uma capacidade para intervir criticamente nos processos sociais e culturais. Arrisco-me a afirmar que o futuro da teologia depende de que ela não se retraia e não evite o diálogo com o mundo.

Leia Mais...

>> José Antonio Zamora já concedeu outra entrevista à **IHU On-Line**.

* *O império do instante e a memória*. Publicada nas **Notícias do Dia** 01-11-2009, disponível em http://migre.me/2hlzR.

Teologia Pública

Como preservar o futuro da Igreja?

A vida e o destino da Igreja contemporânea passa pelos avanços pós-conciliares, pelo papel dos bispos e das conferências nacionais, do sacerdote do século XXI e dos desafios que se colocam diante dos leigos na sociedade atual, segundo o teólogo e redator-chefe da revista alemã Christ in der Gegenwart

Por Moisés Sbardelotto | Tradução Luís Marcos Sander

"A tradição não significa simplesmente apenas a recordação de coisas passadas, mas também a transmissão de coisas novas". O desafio do cristianismo, portanto, é buscar "a viabilidade no futuro".

Essa é a opinião do teólogo alemão Johannes Röser, redator-chefe da revista semanal *Christ der Gegenwart*, fundada logo após a Segunda Guerra Mundial. A publicação busca, justamente, "acertar as contas" entre a Igreja de hoje com os demais campos do saber, uma forma de apresentar o "Cristo no presente", como indica seu nome.

Nesta entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Röser analisa a vida da Igreja contemporânea, passando pelos avanços e impulsos pós-conciliares, o papel dos bispos e das conferências nacionais, do sacerdote do século XXI e dos desafios que se colocam diante dos leigos na sociedade atual.

Para Röser, chegamos, como Igreja, a uma encruzilhada: "A rigor, só há duas alternativas: ou continuar se isolando dos desdobramentos da modernidade na ciência, na arte, na cultura, na sociedade, ou reconhecer as leis próprias da realidade, o mundo do devir, a mudança constante", afirma.

Johannes Röser é redator-chefe da revista semanal *Chist in der Gegenwart* (Freiburg im Breisgau, na Alemanha), fundada em 1948, como uma publicação de diálogo entre a Igreja e os cristãos com a ciência, a arte, a cultura e a política. Röser estudou teologia em Freiburg e em Tübingen (dentre outros, com Hans Küng e com os então professores e hoje cardeais Karl Lehmann e Walter Kasper). Trabalha como jornalista desde 1981. É autor e editor de diversos livros sobre religião. Os mais recentes são *Mein Glaube in Bewegung: Stellungnahmen aus Religion, Kultur und Politik*; *Mut zur Religion: Erziehung, Werte und die neue Frage nach Gott*; *Was sag ich Gott? Was sagt mir Gott?*; e *Jugendgebete und Gedanken*, publicados pela Editora Herder. Confira a entrevista.

IHU On-Line - O senhor afirma que uma das consequências da crise de confiança da Igreja Católica é o reforço do "antimodernismo romano". Como esse fenômeno se expressa concretamente?

Johannes Röser - Há mais tempo já se pode perceber que os acentos, colocados pelo **Concílio Vaticano II**, que apontavam para a frente estão sendo minimizados, bagatelizados, que os impulsos para a renovação e